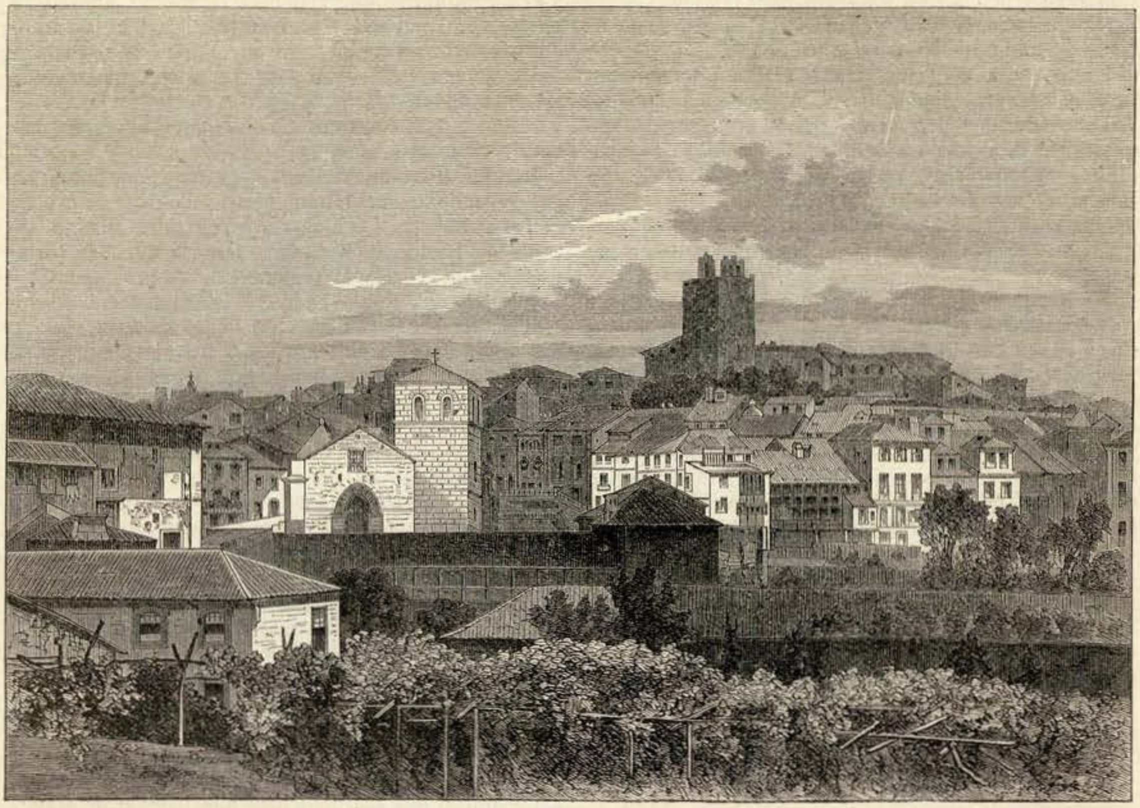


Cidade de Lamego

Nas faldas do monte de Penude, que é continuação da serra da Estrella, está edificada a antiquissima cidade de Lamego, em logar baixo, mas um tanto accidentado. Banham-lhe os muros as duas ribeiras de Balsemão e de Fafel. Dista do rio Douro 5 kilometros, 45 da cidade de Vizeu, 60 da cidade do Porto, 80 da cidade da Guarda, 110 de Coimbra e 280 de Lisboa.

Pela antiga divisão do reino, fica Lamego na provincia da Beira Alta. Segundo a divisão decretada pelo sr. D. Pedro, duque de Bragança, regente do reino, a qual principiou a vigorar em 1833, passou a fazer parte da nova provincia do Douro, creada pelo mesmo decreto. Na actual divisão do reino em dezesete districtos, pertence a cidade de Lamego ao districto administrativo de Vizeu.

Não se sabe como foi o principio, nem quaes os fundadores da cidade de Lamego. Pretendem alguns escriptores nacionaes, auctorisando-se com palavras de Strabão, que a cidade de Lamego deve a sua fundação aos gregos. Á falta de provas que lhe sirvam de fundamento, esta opinião é, certamente, inacceitavel. Porém, ainda que similhante origem seja fabulosa, basta, para seu lustre e para documento de muita ancienidade, saber-se que já existia no tempo dos romanos com o nome de *Lameca*.

Das poucas noticias que se encontram ácerca d'esta povoação, durante o dominio romano, ha quem conclua que era então terra pequena e insignificante. Todavia, forçosamente havia de ter alguma importancia, pois que ousou rebellar-se contra o jugo de Roma no reinado do imperador Trajano, que bem caro lhe fez pagar tamanha temeridade.

Destruido o imperio romano, e invadidas e conquistadas todas as suas provincias pelos povos septentrionaes, a quem os vencidos chamavam barbaros, a cidade de Lamego foi senhoreada pelos suevos. Desde então é que principiam a apparecer na historia da Lusitania noticias mais positivas d'esta terra.

Estando sujeita aos monarchas suevos, que tinham a sua corte na cidade de Braga, foi erigida em séde episcopal no concilio Lucence, celebrado no anno de 510 da era de Jesus Christo [1]. Não é preciso, certamente, melhor prova para demonstrar que n'essa epocha já era a cidade de Lamego uma povoação importante, pois que, se o não fôra, não seria elevada a tão grande honra.

No correr dos dois seculos que se seguiram até á invasão dos arabes, foi governado este bispado, sem interrupção, por oito bispos.

Lamego não offereceu resistencia aos sarracenos, como succedeu a quasi todas as terras da Lusitania, porque baldados seriam quaesquer esforços para embargar o passo triumphante aos invasores, depois de anniquilada a monarchia dos godos nos campos de Guadalete. Portanto, apenas constou que o inimigo se aproximava da cidade, fugiram quasi todos os seus moradores para as montanhas das Asturias, onde se foram reunir aos denodados companheiros do principe D. Pelaio, reliquias do exercito de D. Rodrigo, ultimo rei godo, e que não tardaram a ser os fundadores da monarchia leoneza.

Acompanhou os fugitivos o bispo de Lamego, e lá continuou, n'aquellas inhospitas serranias, a velar pelo seu rebanho como bom pastor. Consta de documentos authenticos que cinco prelados succederam a este, vivendo n'aquelle paiz com o titulo de bispos lamecenses.

[1] Querem varios auctores que fôra creada aquella diocese muito anteriormente.

Deve suppor-se que os edificios da cidade pouco ou nada padeceriam com a entrada dos moiros, não só pela razão de terem fugido os habitantes, sem tentarem sequer defender a povoação, mas tambem porque os conquistadores logo a escolheram para assento da corte de um pequeno reino musulmano.

Começava a florescer, passado algum tempo, por meio d'esta preeminencia, sob o governo de um régulo, quando a tomaram á força de armas os descendentes de D. Pelaio e dos illustres foragidos das montanhas das Asturias, agora capitaneados por D. Affonso III, rei de Leão. Esta conquista, porém, foi ephemera. O régulo expulso em breve voltou com grandes forças sobre a cidade, reconquistando-a aos leonezes.

No seculo XI foi Lamego novamente resgatada para a fé christã. Os heroes d'esta empreza, valorosamente disputada pelos sarracenos, foram D. Fernando Magno, primeiro do nome, rei de Castella, e o intrepido Ruy Dias de Bivar, celebrado na historia da peninsula com o epitheto glorioso de *Cid Campeador*. Variam os chronistas no anno em que põem esta victoria. Diz a *Chronica dos godos* que se realisou no dia 29 de novembro de 1047. O historiador hespanhol Flores affirma que fôra em 1057. O que parece fóra de dúvida é que a cidade de Lamego era então governada por um régulo chamado Zadan Aben, e que el-rei D. Fernando Magno, reconhecendo a impossibilidade de assegurar aquella conquista, encravada em territorios musulmanos, concedeu paz e liberdade ao régulo vencido, deixando-o na posse dos seus estados mediante um tributo annual pago á coroa de Castella.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

ADÃO SMITH

(Vid. pag. 338)

III

Foi depois do seu regresso para a Escocia que Adão Smith travou amizade com David Hume.

Ainda que as idéas do sceptico illustre não conseguiram fazer-lhe esquecer as lições do sabio fundador da philosophia escoceza; ainda que Hutcheson continuou a ser o guia quasi constante que dirigiu Smith nas tortuosas veredas da philosophia, é certo que o trato intimo em que viveu com Hume exerceu nos seus estudos uma importante influencia. Como se a mesma divergencia de doutrinas philosophicas lhes tornasse necessaria a convivencia e robustecesse a affeição, estreitou-os promptamente sincera amizade, sem que por isso as convicções profundas e o amor da humanidade, que ennobreciam um, se entibiassem ante o scepticismo desabrido e reflectido, de que o outro se orgulhava.

Havia, porém, alguma força que os aproximava, mais poderosa, de certo, do que essa desegualdade de pensar, incapaz por si só de alimentar duradoiras e solidas affeições. No caracter d'esses dois homens existiam realmente pontos de contacto, não obstante a profunda divergencia que apparentavam. A frieza do scepticismo de Hume não lhe era estorvo a que possuisse uma alma boa, generosa, sincera, despida de vaidades e de invejas, que perfeitamente se moldava ao caracter candido, nobre e enthusiasta de Adão Smith.

Em grande parte á amizade de Hume deveu Smith a predilecção pelo estudo dos assumptos economicos. Se nas lições de Hutcheson tinha encontrado já os primeiros lineamentos do maravilhoso quadro da sciencia economica que legou á posteridade, no conhecimento e nos escriptos de Hume fortaleceu-se-lhe o desejo de investigar as sendas ainda mal trilhadas, que o seu talento havia de tornar um dia em caminhos planos e a todos accessiveis. N'este respeito, pois, a par do unico capitulo consagrado pelo auctor do *Manual de philosophia moral* á economia politica, tem jus de figurar os nove discursos em que Hume, nos seus *Ensaios*, já em 1752 combatia as theorias erroneas do systema mercantil, o systema protector, e fixava os verdadeiros principios ácerca de differentes outros pontos da sciencia economica.

Durante tres annos viveu Adão Smith em Edimburgo, regendo o curso, que abríra, de rhetorica e de bellas letras. Os discipulos e os ouvintes affluiam de todos os pontos da Escocia — tanto a fama do joven professor de 25 annos rapidamente se propagava.

D'estas suas lições nada nos resta além das referencias que se encontram no *Curso de Rhetorica* do dr. Blair. Smith confiára-lhe um tratado manuscripto que sobre similhante objecto tinha composto.

São amiudadas as citações que o Quintiliano escocez faz das lições de Smith, a fóra os muitos logares que parece averiguado elle transcreveu ou extractou sem o confessar. Se, pois, o livro de Blair teve fama européa, póde sem favor attribuir-se a Adão Smith parte do merecimento de uma obra que, a par da eloquencia como orador sagrado, grangeou ao seu auctor um nome respeitado na litteratura.

Em 1751 foi Adão Smith chamado a reger a cadeira de logica na universidade de Glasgow; e um anno depois, vagando, pela morte de Thomaz Craigie, a cadeira de philosophia moral, foi n'ella provido.

Grande satisfação devia ser para o discipulo de Hutcheson occupar o logar que durante dezoito annos illustrára com a sua palavra auctorisada o professor eminente a quem elle devêra, mais do que o ensino, a inspiração das sãs doutrinas que haviam de servir-lhe de norma durante a vida.

A sua principal ambição estava preenchida. Os treze annos que passou em Glasgow regendo a cadeira de philosophia moral foram, como elle proprio o confessou, os annos mais felizes da sua vida.

A fama do seu curso passou depressa além da Escocia, e de muitos pontos de Inglaterra concorreu a ouvil-o grande numero de estudantes.

As vantagens que lhe dava uma instrucção variada, muito superior á que geralmente podia alcançar-se então na Escocia, e o conhecimento das obras dos philosophos contemporaneos, habilitavam-n'o a continuar as gloriosas tradições que legára á universidade o fundador da philosophia escoceza. Como é natural, as suas opiniões tinham logo prompta voga, e eram objecto da discussão de todas as sociedades litterarias da Escocia. A admiração pelo illustrado professor chegava a ponto que até as mais insignificantes particularidades de pronuncia se tornavam objecto de moda e de quasi geral imitação.

Não se julgue que era pela dicção eloquente e elegante que o eximio successor de Hutcheson por tal fórma conciliava ouvintes e adeptos. A palavra não lhe occorria graciosa e fluente, e mal conseguiria elle levantar o auditorio em um d'esses momentos de enthusiasmo que sabem excitar os grandes oradores.

Era, porém, tal a clareza, destituida de affectação, com que expunha as suas lições; o interesse que tomava pelo objecto sobre que discursava era tamanho; tão sincero o empenho que punha em tornar accessivel aos mais humildes de intelligencia os principios que desenvolvia; n'uma palavra, a abundancia e a lucidez das suas demonstrações eram tão admiraveis, que todos os que o ouviam pendiam dos seus labios, seguindo attentos o encadeamento de raciocinios, que a todos faziam evidentes as verdades que elle assentava.

«Cada um dos seus discursos (diz-nos Dugald Ste-

ward, fundando-se no testimunho de um discipulo de Adão Smith) consistia geralmente em diversas proposições distinctas, que elle se propunha provar e esclarecer successivamente. Estas proposições, enunciadas em termos genericos, afiguravam-se á primeira vista, pela extensão do assumpto que abrangiam, por vezes como paradoxaes. Frequentemente, esforçando-se em desenvolvel-as, parecia a principio vacillante, como se estivera embaraçado e pouco senhor do assumpto. Mas, á medida que proseguia na exposição e que a materia se accumulava diante d'elle, a sua palavra animava-se, e a dicção tornava-se-lhe facil e abundante. Nos pontos delicados e controvertiveis percebia-se claramente que lhe occorria á mente o pensamento de uma opposição ás suas opiniões, e que se julgava por isso obrigado a sustental-as com mais energia e violencia. A abundancia e a variedade das suas explicações e dos seus exemplos augmentavam a importancia do objecto á medida que elle discursava; pelo que, sem repetir as idéas, dava ao assumpto extensão e magnitude taes, que prendiam a attenção do auditorio. Á instrucção alliava-se, portanto, o prazer de o ouvir desenvolver a mesma materia sob uma grande variedade de aspectos, retomando, por ultimo, sem se afastar nunca do caminho traçado, a proposição primitiva, ou a verdade geral de que partira, e de que soubera tirar tão interessantes corollarios.»

O curso de Adão Smith na universidade de Glasgow era dividido em quatro partes: a theologia natural, a ethica, o direito civil e politico, e a economia politica. Das materias comprehendidas sob os titulos de ethica e de economia politica dão-nos segura informação as duas obras que conquistaram a Adão Smith um nome immortal como philosopho, e especialmente como economista. É bastante, por certo, o que nos legou o illustre professor de Glasgow para lhe assegurar a admiração da posteridade; mas nem por isso póde deixar de lamentar-se que se perdessem para a sciencia e para a philosophia os manuscriptos preciosos em que estavam reunidas as lições sobre theologia natural e direito civil e politico.

Foi durante os doze annos em que regeu a cadeira de philosophia moral na universidade de Glasgow que Smith reuniu os elementos das suas duas notaveis obras: *Theoria dos sentimentos moraes (The theory of moral sentiments)*, e *Investigações sobre a natureza e as causas da riqueza das nações (An inquiry on the nature and causes of the wealth of nations)*. A primeira foi publicada ainda durante aquelle periodo, por isso que appareceu á luz em 1759.

A publicação da *Theoria dos sentimentos moraes* levou depressa a toda a Inglaterra, e até mesmo ao resto da Europa, o nome do philosopho que, continuando Hutcheson, acabava de dar novo lustre a essa philosophia do bom senso, que pouco depois encontrava em Reid o seu mais notavel campeão.

Parece que foi depois da publicação d'esta obra que Adão Smith começou a dar maior desenvolvimento á parte do curso que se referia á economia politica. Incitou-o talvez a isso, além do amor que tinha já a esta ordem de estudos, o desejo de ser util á classe commercial de Glasgow, cidade já então importante, e notavel principalmente pelo seu commercio externo. Smith havia-se relacionado com alguns dos principaes commerciantes, sendo provavel tambem que n'esta convivencia colhesse valiosos esclarecimentos sobre o commercio, e achasse meios de verificar praticamente algumas das suas theorias economicas.

Em 1763, Carlos Townsend, rico inglez casado com a duqueza de Buccleug, viajando na Escocia, visitou de proposito Glasgow, desejoso de travar conhecimento com o homem cujo nome ouvia repetir por toda a parte com o maior elogio. Havia muito que elle proprio consagrava ao illustrado professor a mais elevada admiração. Desde que Adão Smith publicára a *Theoria dos sentimentos moraes*, manifestára Carlos Townsend desde logo o desejo de lhe confiar a educação de seu filho, o duque de Buccleug.

A guerra que durante tanto tempo ensanguentára a Europa havia terminado pela paz assignada em Paris em fevereiro d'aquelle anno. Carlos Townsend, desejando que seu filho aproveitasse a occasião favoravel que se offerecia de visitar o continente, e reconhecendo que não podia dar-lhe melhor guia do que o eximio professor, fez a Smith generosos offerecimentos para que elle acompanhasse o joven duque em uma excursão pela Europa. Cedeu Smith ás propostas que lhe foram feitas, e renunciou a cadeira de philosophia moral. No ultimo dia de lição, conta-se que mandou fazer a chamada de todos os estudantes, e a cada um d'elles entregou as sommas que havia recebido, dando como razão do seu procedimento não ser justo acceitar-lhes qualquer paga, visto ficar incompleto o curso.

A universidade de Glasgow consignou nos seus annaes o sentimento que lhe causava a falta do illustre professor. Depois de fazer justiça ás suas virtudes e ao seu caracter, registava ella do seguinte modo o apreço que fazia da sua intelligencia e do seu merito como professor:

«O notavel talento que possuia de derramar luz sobre as questões mais abstractas, a sua assiduidade em diffundir os conhecimentos uteis, e o escrupuloso cumprimento dos deveres do seu cargo, proporcionavam, a par do deleite, uma instrucção solida aos mancebos entregues á sua direcção.»

No mez de março de 1764 embarcaram Adão Smith e o joven duque de Buccleug em direcção ao continente.

Se foi importante, como veremos, a influencia que teve esta viagem na vida e nos estudos de Adão Smith, não devemos esquecer-nos de que o merito das suas obras provém, em grande parte, de se ter elle por tanto tempo exercitado no ensino das doutrinas que haviam de constituir os seus livros justamente afamados.

É á mesma circunstancia favoravel, que se deu com todos os homens notaveis da eschola escoceza, que esta deveu o bom senso que predomina nas suas doutrinas.

Confirma isto mais uma vez a opinião de que é notavelmente salutar a influição do ensino, principalmente para os que intentam propagar idéas novas. Quantos livros deixariam talvez hoje de nos aborrecer, se os seus auctores houvessem sido obrigados, antes de os escrever, a professar ás theorias que legaram á posteridade, vaga e obscuramente formuladas!

(Continúa) T. DE C.

SÉ DE EVORA

A CAPELLA-MÓR

(Vid. pag. 97)

II

Corre em tradição que, tendo-se arruinado a capella-mór primitiva, edificada com o restante do templo pelo bispo D. Payo nos fins do seculo XII, a renovára o bispo D. Durando, antecedentemente ao anno de 1285, em que falleceu. A essa noticia deve ter servido de fundamento a inscripção gothica da lapida que estava n'uma das paredes da capella-mór, d'onde, no seculo passado, foi trasladada para a capella do Sacramento, na qual ao presente se conserva. Deparando-se-nos erros graves na cópia e na traducção que d'aquelle latim barbaro deram os padres Fialho e Fonseca, e não nos parecendo, demais, admissivel que em menos de um seculo se arruinasse a capella-mór,

tendo sido a egreja construida com a solidez que lhe vemos, pedimos a um nosso amigo, muito perito na leitura de letras antigas, para nos decifrar a inscripção. E de tal modo o fez, que nos confirmou as dúvidas que se nos haviam suscitado, auctorisando-nos para rejeitar a tradição, destruido o seu fundamento provavel [1].

O conego D. João da Annunciada, que não podia ignorar a existencia da tradição e da lapida, que, segundo parece, lhe deu origem, cortou o nó gordiano, guardando absoluto silencio a este respeito na *Descripção da egreja cathedral de Evora*, que publicou em 1844. N'esse folheto, em que se encontram algumas noticias curiosas juntamente com muita frivolidade, começou o auctor a historia da capella-mór no anno de 1570, quando o arcebispo D. João de Mello mandou recuar o altar-mór, que, ao uso antigo, estava no meio da capella.

Era esta assás pequena em proporção do corpo da egreja, sem ao menos ter o espaço bastante para se celebrarem condignamente as solemnidades religiosas. A reedificação, porém, demandava tamanha despeza, que nenhum dos prelados que cingiram a mitra eborense se animou a emprehendel-a até ao anno de 1703, em que morreu o arcebispo D. Luiz da Silva, deixando em testamento 17:000 cruzados para a obra. Guardou-se o dinheiro em deposito por espaço de doze annos, e, fallecendo ao cabo d'elles, em 1715, o arcebispo D. Simão da Gama, ficou a sé vaga até ao anno de 1741, a fim de se ajuntarem os rendimentos da mitra áquelle legado, quantia muito inferior á que era indispensavel para a reedificação.

Em outubro de 1716 veiu el-rei D. João V a Evora e visitou a sé, onde o cabido lhe propoz este negocio, como o que mais interessava n'esse tempo á egreja metropolitana. Viu o monarcha diversos planos e orçamentos que lhe apresentaram, sem que de nenhum se contentasse. O que talvez parecia já excessivamente grandioso ao cabido era acanhado e pouco para a magnificencia do fundador de Mafra.

Ao architecto d'este sumptuoso edificio, João Frederico Ludovici, incumbiu D. João V de traçar o plano da nova capella-mór da sé de Evora. Desempenhou-se o artista de modo que deu mais uma prova do seu grande talento, e do muito que se elevava acima dos architectos italianos contemporaneos, em cujas obras se vê o principio da decadencia da arte. Sem adoptar um estilo differente do de Bernini, Borromini e Pozzo, corrigiu-lhes os maiores defeitos, aproximando-se assim mais dos grandes modelos do seculo XVI.

A capella-mór da sé de Evora é a obra prima de Ludovici, e principal monumento da sua gloria. Se não tem comparação nas dimensões com o palacio e convento de Mafra, leva-lhe grande vantagem na fineza da pedraria e na elegancia da architectura. É tal a belleza e a combinação das côres dos marmores, lustrosos como espelhos, tão bem proporcionadas as partes, tão harmonico o todo, que os olhos se deleitam a contemplar aquella graciosa perspectiva, sem encontrarem uma só peça que melhor parecesse de outro modo imaginada. O espirito vê alli evidente e manifesta a perfeição da arte.

O vão da capella-mór é como uma das quatro partes que resultariam da divisão de um ellipsoide por dois planos que, passando pelos dois eixos, se cortassem perpendicularmente. Pavimento, paredes, abobada, ornatos, tudo é coberto de marmores finos bem lavrados e polidos. Em cima de um socco geral, liso, tão preto como azeviche, que guarnece todas as paredes interiores, rez do chão, assentam os pedestaes, que, com seus dados de marmore bardilho, e golas e filetes brancos, formam o primeiro corpo, ou inferior, bem distincto do segundo, ou médio, a que serve de base. N'este segundo corpo sobresaem muitas pilastras e columnas, cujos plintos são amarellos com toros e filetes brancos, os fustes de marmore bardilho, e os capiteis, de ordem composta, de marmore branco primorosamente lavrado.

A côr escura das pilastras e das columnas destaca em fundos de marmore rosicler, onde preenchem os espaços maiores molduras de marmores preto, branco, verde, amarello e côr de rosa. Os ornatos são todos brancos, e representam em alto relevo anjos, folhas e flores. Sobresaem na parte média de cada parede grandes misulas de marmore branco, em que se estriba de cada lado um coreto com seus antepeitos e ornatos de talha doirada.

No fundo quatro columnas enormes, monolithas, de marmore bardilho reticulado, molduram magestosamente o altar-mór. As duas da parte de dentro são as mais bellas de todas pela fineza e lustre da pedra.

Ao segundo corpo serve de coroa e remate um grande e formoso entablamento com a architrave e cornija brancas, e o friso côr de rosa. D'aqui se levantam a convergirem para o alto e para o centro as pilastras e os arcos que sustentam e dividem a abobada, fazendo logar a quatro janellas de cada lado. Além d'estas oito janellas, ha outras duas no corpo médio junto do altar-mór.

Por cima de cada coreto encurva-se o entablamento formando um arco. No do lado do Evangelho estão assentadas as estatuas da Fé e da Caridade; no outro as da Esperança e da Religião; no fundo, sobre o altar-mór, dois anjos ajoelham-se reverentes á imagem de Jesus Christo pregada n'uma cruz colossal. Todas estas figuras são de marmore branco, excepto a cruz, que é de madeira de cedro pintada da mesma côr. Os bustos de S. Pedro e de S. Paulo, tambem de marmore branco, estão por cima das portas de marmore preto que ficam de um e de outro lado do altar-mór, por baixo das janellas correspondentes.

O pavimento é de mosaico de marmores não polidos, cujas côres, branca, preta, rosea e amarella, foram combinadas com graça e symetria, como n'um tapete de variegado matiz.

Em cima do altar-mór, e por detraz do crucifixo de que fallámos, vê-se um espaço grande, escuro, sem brilho, e que facilmente se conhece não ser de marmore. Convem advertir que em todo o interior da capella-mór não ha outra parte, senão esta, que não seja d'aquella materia. Era uma janella maior que as outras que Ludovici deixára n'aquelle sitio para fazer destacar no azul do ceo o symbolo da redempção. Foi uma idéa sublime e arrojada, que, de per si só, patenteia o genio do artista. Não a comprehenderam, porém, no seculo passado os conegos da sé, que, incommodados com a copiosa luz que lhe entrava pela capella-mór, mandaram tapar a janella com alvenaria e pintar o reboco de pós de sapato, para imitar o marmore bardilho!

Fazemos justiça ao actual cabido suppondo que é sua intenção reparar aquella grave offensa ao bom gosto, e que reconhece que não ha obra mais necessaria no templo que a restauração da janella da capella-mór, bem como a das ogivas do zimborio, que foram egualmente tapadas de pedra e cal. Pareceria mais

[1] Eis aqui a interpretação e traducção do sr. Manuel da Cruz Pereira Coutinho, distincto paleographo conimbricense:

Quam: locupletavit: precibus: ædificavit:
hanc: præsul: sedem: Durandus: quem: tenet:
hunc: sublimatum: salvator: et incipiavit:
lutus: absque: mora: placiti: sic: posteriora:
cernentes: lapidem: dicant: Deus: hinc: miserere:
noscentes: vere: quid: venient: ad: idem:
annis: millenis: ter: centum: bis: que denis:
uno: decessit: aprilis: luce: secunda:

«Aos 2 de abril do anno de 1321, chamou o Salvador para a gloria o prelado Durando, que edificou e enriqueceu por meio de esmolas esta sé. Todos voluntariamente se vestiram de lucto. Assim, todos os que de futuro virem esta lapida, e os que d'ella tiverem conhecimento, digam: O' Deus, tende misericordia d'elle.»

lamentavel a falta de outro tempo, se hoje a emenda não fôra tão facil, por se destinar annualmente uma somma grande para a conservação da cathedral eborense.

(Continúa) A. Filippe Simões.

CASAMENTO DEL-REI D. AFFONSO III

EM SEGUNDAS NUPCIAS E EM VIDA DE SUA PRIMEIRA MULHER, COM D. BEATRIZ DE CASTELLA

I

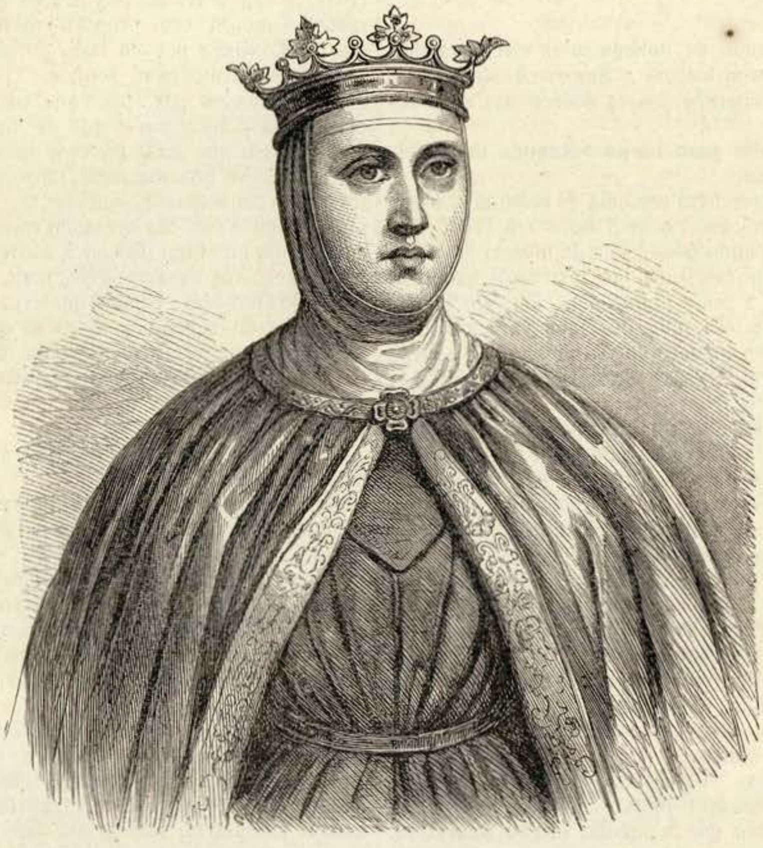
O caso que vamos referir constitue um dos successos mais extraordinarios do reinado del-rei D. Affonso III. E se bem se pesarem todas as circunstancias que o acompanharam e o resultado que teve, póde-se dizer, seguramente, que foi um dos acontecimentos mais importantes, e unico no seu genero, que a Europa presenciou em todo o curso do seculo XIII.

Para que os nossos leitores apreciem devidamente toda a importancia do successo, é mister que lhes exponhamos, embora em abbreviado quadro, as razões e a maneira pelas quaes o conde de Bolonha foi elevado ao throno de Portugal.

II

Baixando ao tumulo el-rei D. Affonso II, deixou, entre outros filhos, os infantes D. Sancho e D. Affonso. Aquelle succedeu na coroa a seu pae, com o nome de D. Sancho II; este passou a França, onde casou com a condessa de Bolonha, cujos estados governou durante annos conjuntamente com sua mulher.

A lucta travada entre o poder real e o theocratico



D. Beatriz de Castella, rainha de Portugal

no reinado anterior rebentou com mais força sob o sceptro de D. Sancho II. As determinações régias, coarctando certas immunidades ecclesiasticas, e restringindo o seu excessivo poder, excitaram de novo as paixões, apenas adormecidas pelo fallecimento de D. Affonso II, e provocaram resistencias, que desde logo assumiram o caracter de graves discordias.

Uma paixão amorosa, uma louca imprudencia do moço rei, forneceu ao clero irritado o pretexto para levantar a bandeira da revolta, que attrahiu em torno d'ella quasi toda a nobreza do reino.

Os amores e consorcio [1] de D. Sancho II com D. Mecia Lopes de Haro, a formosa filha de D. Lopo Dias de Haro, conde e 11.º senhor de Biscaya, ferindo o orgulho da fidalguia portugueza, e accendendo-lhe no peito a inveja e o ciume, pozeram a nobreza á disposição do clero na sua campanha contra o throno.

1 Este consorcio é contestado por varios escriptores.

A balança dos destinos estava, pois, pendida em desfavor da realeza. N'aquella epocha, em que o principio popular tinha tão pouca valia no regimen do estado, o peso de uma coroa, por mais refulgente que fosse e por mais poderosa que se ostentasse, não podia contrabalançar a preponderancia dos dois principios, theocratico e aristocratico. Quando estes se uniam contra o poder real, qualquer que fosse o campo da batalha, certa era a victoria dos alliados.

Recorreram, pois, os nobres e o clero ao summo pontifice, que então era Innocencio IV. Este de bom grado deferiu á súpplica, accrescentando ás censuras que fulminára Urbano III contra o rei, e ao interdicto que lançára no reino, a absolvição do juramento de fidelidade que os portuguezes tinham prestado a el-rei D. Sancho II, a deposição d'este infeliz monarcha, e o chamamento de seu irmão, o infante D. Affonso, conde de Bolonha, para governador e regente do reino.

O infante não se fez esperar muito tempo. Abandonando apressadamente a esposa e os seus estados, veiu collocar-se á frente dos portuguezes rebellados contra o seu soberano.

A sorte das armas foi contraria a el-rei D. Sancho II. Repellido de terra em terra, quasi só, lá foi refugiar-se em Castella, fallecendo pouco depois na cidade de Toledo, em triste desamparo, sem mais consolação na desgraça que a lembrança dos dois nobres exemplos de lealdade e de corajosa dedicação, praticados a prol dos seus direitos por D. Martim de Freitas e D. Fernando Rodrigues Pacheco na gloriosa defensa dos castellos de Coimbra e de Celorico.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

A SATYRA MENIPPÉA

(Conclusão. Vid. pag. 341)

II

No artigo antecedente indicámos as circunstancias historicas que deram origem á *Satyra Menippéa*, e o que de mais averiguado consta ácerca dos seus auctores.

Vamos agora dar uma muito resumida noticia da obra, em si mesma.

A *Menippéa*, verdadeira comedia de costumes, é precedida de um prologo, no qual estão em scena dois charlatães, apregoando uma droga de maravilhosa virtude, recentemente fabricada por inspiração jesuitica, e muito superior á pedra philosophal. Este electuario, denominado *Catholicon*, mas de maior valia que o de Roma, tem um sem numero de virtudes, que o conego Le Roy inventariou. D'essas virtudes podêmos formar juizo pela seguinte:

«Não tenhaes religião; zombae quanto quizerdes dos padres e dos sacramentos da egreja, e de todo o direito divino e humano; comei carne na quaresma, a despeito dos preceitos da egreja; pois que, para terdes absolvição, não necessitaes de outro condimento mais do que meia drachma de *Catholicon*.»

N'este tom de ironia apresenta a *Menippéa* o espirito geral da *Liga*, facção miseravel, que dissimulou os vicios e os crimes com a capa da religião, e os metamorphoseou em gloria e honra.

N'este tom de ironia arranca a *Menippéa* as mascaras aos hypocritas, dissipando as apparencias fallazes, e conduzindo os leitores a uma apreciação justa das coisas e dos homens.

Mas não bastava stigmatisar o espirito geral da *Liga*, era indispensavel pintar cada um dos ambiciosos e hypocritas que n'aquella facção figuraram. D'est'arte, e só assim, poderia conhecer-se os pensamentos, e os interesses que inspiravam e moviam individualmente aquelles perturbadores da paz, verdadeiros incendiarios de todo o reino.

A *Menippéa* introduz na sala dos estados os principaes caudilhos da *Liga*, e na boca de cada um d'elles vae pondo a expressão da verdade, do modo mais comico que imaginar-se póde.

Assim, por exemplo, o duque de Mayenne, chefe nominal da *Liga*, logar-tenente do reino e da coroa de França, rompe n'estes termos o seu discurso:

«Senhores! Testimunhas sereis todos de que, desde o momento em que peguei em armas pela santa *Liga*, tive sempre a minha conservação em tamanho preço e cuidado, que de todo o coração preferi sempre o meu interesse á causa de Deus, o qual bem póde guardar-se a si mesmo, sem o meu auxilio, e vingar-se dos seus inimigos.»

Este exordio revela desde logo o que será o discurso. O duque vae contando os desaguisados que lhe hão succedido, os intentos interesseiros que a elle e aos da facção moveram sempre, o desprezo real da religião dissimulado com apparencias hypocritas, etc.

«Pela nossa diligencia conseguimos que este reino, outr'ora um voluptuoso jardim de prazer e de abundancia, se convertesse n'um grande e amplo cemiterio universal, cheio de innumeras e bellas cruzes pintadas, de tumbas, de forcas.»

Ha n'aquelle discurso engraçadissimos rasgos, que ainda hoje, e até a estrangeiros, agradam muito. O duque de Mayenne diz com emphase:

«Alevantei esse poderoso e glorioso exercito de velhos soldados bellicosos, e o conduzi com grande ordem e disciplina direitamente a Tours, onde cuidei que poderia vir a dizer, como um Cesar christão: *Vim, vi, e venci!* Mas aquelle fautor de hereticos (Henrique III) mandou vir pela posta o Bearnez (depois Henrique IV), pelo qual eu não quiz esperar muito de perto, nem vêl-o de frente, com temor de ser excommungado.»

Os da *Liga* desejavam que a paz se não restabelecesse, e que o rei de Navarra se não convertesse ao catholicismo. A este proposito é muito engraçado o que a *Menippéa* põe na boca do duque de Mayenne:

«Preveis muito bem, senhores, os perigos e os inconvenientes da paz, pois que põe ella tudo na ordem, e dá a cada um o que de direito lhe pertence; e é por isso que mais convem impedil-a do que pensar n'ella. No que me toca, juro-vos, pela cabeça do meu filho primogenito, que não me inclino para a paz, antes estou d'ella tão arredado como a terra o está do ceo. Ainda que fingi desejar a conversão do rei de Navarra, peço-vos me acrediteis, nada me é menos agradavel do que isso; e mais quereria ver mortos minha mulher, meu sobrinho, todos os meus primos e parentes, do que ver o Bearnez na missa.»

Quando o duque de Mayenne acabou de fallar, alevantou-se o deão de Sorbonna, datario do legado do papa, e disse em alta voz:

«Humiliate vos ad benedictionem, et postea habebitis haranguam.»

Então monsenhor o legado, lançando tres profundas e copiosas bençãos, começou a fallar em italiano d'este modo:

«In nomine patris, etc. Io mi rallegro, e son quasi fuora di me stesso (ò signori, e populi, piu catholici che i medesimi Romani) divedervi qui collegati per un soggetto tanto grande, e catholico: ma d'altra parte mi truovo molto sbigottito di sentir tante opinione balorde fra voi altri Ligouri catholici, e mi pare che quella antica fattione di neri e bianchi rinasce: percio che l'uni domandano bianco, e gli altri il nero. Ma una sola cosa mi pare necessaria à la salute delle anime vostre: cio è, di non parlar mai di pace, e manco procurarla, che prima tutti gli Francezi non siano morti, à guiza di Macabei, e uccisi valorosamente come fù Samsone, fracassati e sotterrati trà le ruine di questo cattivo paradiso terrestre di Francia, per gorder piu presto la quiete immortale del paradiso celeste. Guerra dunque, guerra, ò valenti e magnifici Francesi, perche mi pare quando si ragiona della pace e si parla di trega con questi porfanti heretici manigoldi, che mi sia dato un servitial d'inchiostro: considerando che molto meglio è per la quiete d'Italia, e la securità della santa sede apostolica, che i Francesi e Spagnuoli guerreggiano tra loro in Francia, ó veramente in Fiandra per la religione, ò la corona, che in Italia per Napoli ó Milano: perche per vi dir il vero, non se ne cura il santissimo padre di tutti patri vostri; se non à tanto che li tocca di non esser spogliato d'annate e commende, e altri espeditioni che si fanno in Roma con oro e argento vostro. Date quanto volete le anime vostre al demonio inferno: poco gli è; proveduto che gli sia che le provende di Bretagna, e la reverentia antica, debita a sua santità, non gli mancano, etc.»

Como se dissesse:

«Em nome do Padre, etc. Regozijo-me e quasi que me sinto fóra de mim (ó senhores e burguezes, mais catholicos do que os proprios romanos) ao ver-vos aqui reunidos para um fim tão grandioso e tão catholico. Mas, por outro lado, estou por extremo aturdido de ouvir tantas opiniões estultas, quaes as que se alevantam d'entre vós, homens da *Liga*. Afigura-se-me ver renascer a antiga facção dos *negros* e dos *brancos;* pois que uns de vós pedem *branco*, e outros *negro*. Uma só coisa, porém, me parece necessaria para a salvação das vossas almas, e vem a ser que jámais falleis de paz, e muito menos que n'ella penseis, em quanto todos os francezes não tiverem morrido, á similhança dos Macabeus, e não se fizerem matar como Samsão, esmagados e enterrados nas ruinas d'este ruim paraiso terrestre de França, para mais depressa gozarem o repoiso eterno do paraiso celestial. Guerra, pois, guerra, valorosos e magnificos francezes! Ouvir fallar de paz ou de tréguas com aquelles scelerados hereges, parece-me o mesmo que um clyster de tinta; e maiormente porque aproveita mais á tranquillidade da Italia e á segurança da santa sé apostolica, que os francezes e hespanhoes se guerreiem na França ou em Flandres, pela religião ou pela coroa, do que na Italia a favor de Napoles e de Milão. Para vos fallar verdade, ao santo padre não dão muito cuidado as vossas desavenças, comtanto que o não despojeis das annatas e das commendas, e de outros despachos que se pagam em Roma com o vosso oiro e com a vossa prata. Dae as vossas almas a todos os demonios do inferno, se assim vos aprouver; pouco se lhe dá, comtanto que as *provendas* de Bretanha e a reverencia devida a Roma não lhe faltem, etc.»

Diversos outros discursos são proferidos na assembléa, todos notaveis pelo tom faceto, pelo artificio engenhoso com que cada um dos heroes da *Liga* patenteia as hypocrisias e maleficios da facção ambiciosa. As allusões mais pungentes, de que abundam os discursos, referem-se a pessoas e a factos reaes, que as notas da edição que tenho presente nomeiam e explicam. A final encontra-se o discurso de d'Aubray, orador do estado dos povos, obra do intelligente e honrado Pedro Pithou. A respeito d'este discurso diz mr. Eugène Géruzez:

«Esta oração é não só uma obra de alta eloquencia, senão tambem um documento historico de primeira ordem, que tanto importa como um protesto do bom senso, indignado contra as sanguinolentas loucuras e impudentes hypocrisias da facção dos *Dezeseis*, dos pretendentes á coroa, e dos emissarios intrigantes da Italia e da Hespanha. Todos os falsos pretextos de bem publico e de interesse religioso são pulverisados, podendo ver-se, na sua nudez, as molas reaes que moviam os actores do drama, quaes eram a ambição, a avidez e a vingança.»

Todos os bons criticos francezes tem elogiado, como que á porfia, a *Satyra Menippéa*.

Apontarei o juizo que Saint-Marc Girardin exprimia:

«N'este livro (diz elle) cada um dos actores tem uma parte de verdade contemporanea, que marca a sua data e o seu nome, e uma parte de verdade abstracta e philosophica, que lhe communica um tanto de eterno. É por este titulo que a *Menippéa* vem a ser mais que um pamphleto, pois que os pamphletos só pintam os trajos e as exterioridades. A *Menippéa*, verdadeira comedia, penetra no intimo do homem, e, apresentando os ridiculos da epocha, mostra e faz sobresair as paixões eternas da nossa natureza.»

Com razão diz mr. Charles Labitte que o logar da *Menippéa* está para sempre marcado, na lingua franceza, entre Rabelais e Pascal; é a continuação do primeiro, e presagia o segundo; é a transição entre *Gargantua* e as *Provinciaes*.

Logo no primeiro artigo apontei as fontes do meu estudo; e agora, para maior facilidade dos leitores, vou mais desenvolvidamente indicar-lhes as duas obras que principalmente podem consultar:

Histoire de la littérature française depuis ses origines jusqu'à la révolution, por Eugène Géruzez.— N'este livro, premiado pela academia franceza, encontra-se uma succinta, mas muito bem traçada analyse da *Menippéa*.

Satyre Menippée de la vertu du Catholicon d'Espagne et de la tenue des États de Paris; nouvelle édition acompagnée de commentaires, et précédée d'une notice sur les auteurs; por mr. Charles Labitte. Paris, 184.

Foi esta a edição que tivemos sempre diante dos olhos, e é um excellente guia. Mr. Labitte apresenta uma noticia muito interessante ácerca dos auctores da *Menippéa;* ao passo que a edição contém commentarios que esclarecem tudo o que necessita de explicação, em quanto ás pessoas e acontecimentos da *Liga*.

José Silvestre Ribeiro.

OS CASTORES

(Conclusão. Vid. pag. 347)

É maio o mez dos amores para o castor; e em julho a femea augmenta a familia com dois filhinhos, algumas vezes, poucas, com tres, e tambem com quatro, mas raras vezes. Tendo dois ou quatro, saem sempre acasalados, macho e femea. Até á edade de dois ou tres annos vivem juntos com os paes; mas logo que, a seu turno, se dispõem a ser chefes de nova familia, tratam de construir habitação independente, que vão estreiar, quasi sempre, ao mesmo tempo que a natureza os investe das honras da paternidade. A Providencia, como para os acostumar pouco a pouco aos cuidados da prole e aos mais encargos da familia, não permitte que a femea, nos primeiros tempos, tenha mais que um filho de cada vez.

Os costumes dos castores variam bastante, segundo a região que habitam. A descripção que temos feito refere-se aos castores que vivem nos rios e lagos dos Estados Unidos, e nos bancos da Terra Nova. Ahi é que se póde ir observar e admirar o poder da sua industria, e o assombroso quadro de vida patriarchal, que estes animaes offerecem ao viajante attonito.

Os castores que existem em França e em outros paizes da Europa central não costumam construir moradas nem diques; contentam-se em ter covis por habitação. Pouco mais industriosos são os da Laponia e da Russia, pois se limitam a fazer duas covas, uma na margem, e acima da superficie do rio ou lago, e outra debaixo d'agua, reunindo-as por meio de um como corredor ou galeria. Na Luiziania e nas outras mais partes da America, exceptuando as que acima mencionámos, os castores vivem tambem em familia, mas não constroem moradas nem diques, como os dos Estados Unidos e Terra Nova. Habitam em covas nos sertões ainda não devassados pelo homem, pois que, desde o momento em que o presentem, buscam em novas solidões mais seguro escondrijo.

Estas particularidades são mui dignas de attenção e estudo, e servem de prova aos que sustentam a opinião de que o instincto se póde aperfeiçoar até chegar á meta da intelligencia. Entretanto, sejam quaes forem as conclusões que se tirem dos raciocinios que similhante questão suscita, é certo que tão grande differença de instincto entre animaes da mesma especie, e apenas separados pela distancia das regiões que habitam, é assumpto para sérias meditações do philosopho.

Ainda se dá outra singularidade nos costumes cu-

riosissimos d'estes animaes, que merece menção. Nos Estados Unidos e nos bancos da Terra Nova, n'esses proprios logares onde os castores vivem não só em familia, mas tambem em povoação regular, como se fôra uma aldeia, encontram-se ás vezes alguns individuos vivendo vida solitaria. Não se pense, todavia, que estes *eremitas*, como lhes chamam os caçadores, fogem da sociedade por não se quererem sujeitar aos habitos do trabalho. Não é este o motivo que lhes faz appetecer a solidão, por quanto no seu proprio retiro edificam morada para si com a maior diligencia e perfeição. E não é pouco notavel esta circunstancia, attendendo a ser feita tão trabalhosa construcção por um unico individuo.

Cartwright, distincto escriptor que publicou muito interessantes observações ácerca d'estes animaes, é de opinião que os eremitas são castores viuvos que vão esperar na solidão que a sorte lhes proporcione a companhia de outro individuo de sexo differente, mas tambem viuvo, com o qual se una pelos laços da familia.

A caça dos castores é feita durante o inverno, tanto por ser mais facil apanhal-os, em razão de viverem recolhidos em suas moradas n'essa quadra rigorosa, como porque as suas pelles tem então mais valor, por estarem fartas de pello e perfeitas.

Faz-se a caçada de dois modos: ou accommettendo-os de improviso dentro de suas moradas ou escondrijos, ou armando-lhes laços. Em qualquer dos casos é condição de bom resultado que os caçadores tenham cabal conhecimento dos costumes e habitos d'estes animaes, a fim de que possam descobrir, pelos leves indicios que elles facultam, o logar onde se acoitam, e tambem para que logrem colhel-os de sobresalto ou attrahil-os aos laços armados.

Tem o castor um faro tão fino e subtil, que reconhece, ainda de distancia e ao cabo de mezes, não só os logares, mas tambem os proprios objectos que o homem tocou com os pés ou com as mãos; e isto basta para que evite aproximar-se. Porém os caçadores, vencendo em astucia a estes pobres animaes, acharam meio de illudir-lhes o faro. Untando os laços e armadilhas com a gordura extrahida dos castores machos, conseguem fazer desapparecer qualquer cheiro que possa denunciar a presença do homem n'aquelles logares.

Nas margens dos rios dos Estados Unidos, principalmente nas do Missouri, os caçadores servem-se exclusivamente das armadilhas para a caçada dos castores. Na bahia de Hudson empregam a força aberta. É immensa a quantidade de povo de ambos os sexos que alli acode no inverno para unir os seus esforços em perseguição d'aquelles animaes. São commummente as mulheres que entram na agua e vão atacar as habitações, para espantar os castores e obrigal-os a fugir para as margens, onde os homens os esperam e matam com facilidade.

Para se poder ajuizar do infinito numero de castores que habitam em torno d'aquella bahia, e da importancia que outr'ora tinha esta caça, bastará dizer que, no anno de 1820, sómente a companhia commercial da bahia de Hudson vendeu sessenta mil pelles de castor.

Já se vê que, por este modo, a caça tomava as proporções de guerra de exterminio. E tanto se empenhou n'ella a imprudente ambição dos caçadores e dos commerciantes, que os incitavam, que pouco a pouco foram esgotando a fonte de um commercio mui productivo. Assim se vão tornando raros os castores na bahia de Hudson e em outros logares dos Estados Unidos, onde antigamente abundavam. Por este mesmo systema se deu cabo, quasi inteiramente, dos castores europeus e asiaticos. Presentemente é na parte superior dos rios Mississipi, Missouri e Hudson, em sitios perfeitamente ermos, que ainda se encontram castores em numero avultado e vivendo em associação, como os representa a gravura a pag. 349.

O commercio divide as pelles dos castores em tres qualidades: a primeira e mais apreciada é a que provém dos castores mortos no inverno, e que se emprega na fabricação de regalos, e nos forros ou guarnições do vestuario de inverno, tanto de senhoras como de homens; a segunda é a das pelles já usadas pelos selvagens, habitantes do sertão; a terceira é proveniente dos castores mortos no verão, durante a muda, e por isso menos estimadas. As duas ultimas qualidades são empregadas geralmente no fabrico de chapeos, industria que está hoje em muita decadencia, por causa da applicação da seda e do feltro á fabricação dos chapeos, com o que se embarateceu muito este producto.

Em algumas collecções zoologicas de animaes vivos encontra-se o castor. Tal é a bondade da sua indole e a doçura dos seus costumes, que, apesar d'aquella timidez que, no estado selvagem, os leva a pôrem em pratica tantas e tão singulares precauções para evitarem ser vistos dos homens, deixam-se facilmente domesticar. N'este estado consegue-se, sem muito custo, acostumal-os a alimentarem-se de substancias animaes. Os sabios naturalistas, mr. Geoffroy, nos *Ann. mus.*, vol. XII, e mr. Cuvier, no *Dictionn. de sciences nat.* e na *Hist. des mammifères*, referem interessantes particularidades de alguns castores que viveram em perfeita domesticidade.

Mr. Fischer, de Moscow, deu o nome scientifico de *castor trogontherium* a uma especie que só existe em estado fossil, e da qual apenas se conhecem algumas caveiras, que foram descobertas junto das praias do mar de Azoff. Esta especie fossil apresenta muita analogia com os castores existentes, salva a differença nas dimensões, pois que eram n'aquella muito maiores.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O TUMULO NO BUSENTO

BALLADA GAULEZA

É noite. Debaixo das ondas do rio Busento, proximo de Cosenza, ouvem-se canticos funebres; as aguas parece responderem a estes canticos, e os derradeiros echos perdem-se nos redomoinhos.

E, ora subindo, ora descendo, discorrem pelo rio as sombras dos valorosos godos, que choram o primeiro Alarico, o mais justamente lastimado de seus mortos.

Mui prematuramente, e mui longe da patria, tiveram que sepultal-o alli, quando ainda a mocidade lhe rosava as faces, e quando ainda os seus loiros cabellos lhe caíam annelados pelas espadoas.

Os valentes soldados godos dispozeram-se nas margens do Busento para desviar o curso do rio, e lhe prepararam novo leito.

No fundo livre das ondas cavaram a terra, e ahi sepultaram o cadaver em cima do seu cavallo de guerra e armado com todas as armas.

Depois cobriram-n'o com a terra, assim como os seus copiosos thesouros, para que no futuro podessem crescer e medrar as hervas do rio sobre o tumulo do heroe.

Desviado segunda vez, o rio segue o seu curso natural; mas, por um abalo vigoroso, as ondas do Busento alastram de novo o antigo leito.

E um côro de homens entôa:

— Descança em paz na tua gloria! Nenhum romano virá com sua vilissima ambição perturbar o socego do teu tumulo! Descança em paz, Alarico!

Cantavam assim os godos. E este hymno de louvor repercutia-se em todo o exercito.

Leva este hymno, onda do Busento, leva este hymno de rio em rio, de mar em mar, para que todos o oiçam!